

Provérbios e comunicação em língua não materna: uma reflexão didática-cultural

Proverbs and communication in non-mother language: a didactic-cultural reflection

Júlio Mário Siga

<http://orcid.org/0000-0002-0929-0759>

Universidade do Minho, Portugal

juliomariosiga@hotmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre assuntos ligados aos provérbios e à comunicação em língua não materna e as suas interpretações (significados); provérbios e metáforas; e, provérbios e o ensino da língua não materna. No tocante à metodologia, usamos a pesquisa bibliográfica. Nela destacamos o papel dos provérbios na comunicação humana e, principalmente, nos discursos políticos e nas publicidades; nesta última, sendo elementos essenciais para persuadir os consumidores para se interagirem com os produtos a venda. Também abordamos a questão das variabilidades comunitárias dos provérbios e da sua universalidade, bem como a complexidade de suas interpretações, por serem, às vezes, portadores de sentidos metafóricos e de indicarem uma determinada cultura e num determinado período. Assim, concluímos que os provérbios são um dos melhores recursos didáticos que se pode utilizar no ensino de língua não materna - LE/L2 para desenvolver as competências de compreensão e produção oral e escrita, promovendo a interculturalidade entre os aprendentes de uma língua.

Palavras-chave: *provérbio; comunicação; significado-cultural; língua não materna.*

ABSTRACT

This article aims to reflect on issues related to proverbs and communication in non-mother language and their interpretations (meanings); proverbs and metaphors; and, proverbs and non-mother language teaching. With regard to methodology, we used bibliographical research. In it, we highlight the role of proverbs in human communication and, mainly, in political speeches and advertising; in this latest, being essential elements to persuade consumers to interact with the products for sale. We also address the issue of the community variability of proverbs and their universality, as well as the complexity of their interpretations, as they are, at times, bearers of metaphorical meanings and indicate a certain culture and in a certain period. Thus, we conclude that proverbs are one of the best teaching resources that can be used in non-mother language teaching - LE/L2 to develop comprehension skills and oral and written production, promoting interculturality among language learners.

Keywords: *proverb; communication; cultural-meaning; non-mother language.*

Introdução

A utilização dos provérbios na comunicação publicitária em *marketing* e nos discursos políticos tem ganhado muita força na Guiné-Bissau, dando vantagens aos seus locutores em persuadir os seus alocutários. Do outro lado, o ensino dos provérbios na aula de Língua não Materna – Língua Estrangeira e Língua Segunda (LNM – LE/L2) tem sido uma temática menos aproveitada e muito ausente nos materiais didáticos, quer na Guiné-Bissau, quer em Portugal, que consultamos. Isto porque ainda paira um olhar sobre os provérbios como algo bem complexo e que o processo de estabelecimento de um entendimento comum sobre o significado nele corporizado gera certa complexidade, devido a sua linguagem figurada, que requer um conhecimento cultural prévio da comunidade onde é proveniente.

Face a estes e aos demais dilemas aqui não mencionados, são motivos desafiantes que nos levaram a levantar um conjunto de questões, e tentar encontrar as respostas para as mesmas, por via de uma investigação científica, a saber: até que ponto um provérbio pode determinar o consumo de um produto através da comunicação publicitária? Os provérbios são fáceis de explicar ou implicam uma cultura que muitas vezes não conhecemos? Os provérbios contêm metáforas ou são eles mesmos metáforas? Os provérbios indicam uma determinada cultura de uma determinada época, indicam a forma de pensar dessa época? É possível mostrar algumas semelhanças ou diferenças entre os provérbios e a cultura dos aprendentes com a língua alvo (LE/L2)? Os provérbios podem ser usados no ensino do Português como língua não materna e em que nível/níveis?

Assim, este artigo visa refletir sobre assuntos ligados aos provérbios e à comunicação em língua não materna e as suas interpretações (significados); provérbios e metáforas; e, provérbios e o ensino da língua não materna. Isto para poder encontrar respostas credíveis e bem fundamentadas relativas às questões ora levantadas. E, para tal recorreremos à metodologia qualitativa, através da pesquisa bibliográfica específica afins.

O artigo aborda os aspetos ligados ao provérbio e à comunicação em língua, a transcrição de alguns provérbios cuja palavra-chave *terra*, as suas interpretações (significados); provérbio e metáfora; provérbio e culturas; as diferenças culturais entre provérbios e, finalmente, provérbios e o ensino da língua não materna. Cada um destes assuntos foi abordado no seu devido ponto, sendo apresentadas as considerações finais dos mesmos, seguida das referências bibliográficas.

1. Metodologia

Em relação à metodologia, usamos a pesquisa bibliográfica, pois propusemo-nos ao desafio de encontrar repostas sobre ausência dos provérbios nos materiais didáticos para aula de Língua não Materna (LE/L2) na Guiné-Bissau e em Portugal. Para isso, levantamos um conjunto de seis

questões que nos permitiu definir o objetivo da nossa pesquisa. Também fizemos uma análise documental, em que consultamos alguns, como o dicionário de *Vocabulario Portuguez & Latino*, do século XVIII, no qual selecionamos provérbios em que integram a palavra *terra* e fizemos a transcrição dos mesmos para o português atual.

2. Provérbios e comunicação em língua

Antes de adentrarmos no cerne deste trabalho, gostaríamos de apresentar aqui alguns conceitos atribuídos aos provérbios. Conceitos que ao longo deste trabalho vão aparecendo com diferentes destaques. A nosso ver, os provérbios são descrições de modo de pensar das sociedades ágrafas. Isto por ser um dos meios para educar os membros dessas comunidades. O provérbio também é visto como a “sentença moral ou conselho da sabedoria popular; adágio; ditado; máxima; rifão; anexim” (PORTO EDITORA, 2020, p.1). Um outro conceito relevante, do nosso ponto de vista, é o do dicionário dos provérbios de língua portuguesa, que apresenta uma visão mais detalhista:

Um provérbio é uma máxima expressa em poucas palavras, que tem origem na tradição oral da população. Traduz, com frequência, uma sentença que se torna parte do património comum do País. É uma verdade universal, que por vezes alguns confundem com um lugar comum, o que não será exactamente correcto, pois um provérbio prevalece no tempo, mantendo a sua actualidade.

É a aprendizagem dos antigos provérbios pelos mais jovens que não deixa que esta parte da cultura popular desapareça, sendo esta transmissão do saber tradicional um contributo importante para o enriquecimento da nossa língua (BUÇO; BADALO, 2017, p.1).

Ambos os conceitos supracitados apresentam ‘provérbio’: primeiro, com a possibilidade de se acionar como diretiva, sendo a sua interpretação denotativa; o segundo elucida um conceito de provérbio com conotações metaforizadas, pois a sua interpretação carrega uma linguagem metafórica. Este assunto vai ser desenvolvido no decurso deste trabalho em pontos próprios. Assim:

(...) como se admite que o provérbio é “sabedoria popular” isto implica que se aceita que a sua fundamentação são as experiências que alicerçam a mesma provérbio passa a representar a solidificação das verdades que a tradição e as vivências passadas permitem aceitar como autênticas e inquestionáveis (TEIXEIRA, 2016, p. 5).

É justamente nessa crença inquestionável que consiste o valor da sua persistência no tempo, chegando a ocupar um lugar cimeiro na comunicação publicitária para *marketing*. E, atualmente, não há muita margem de dúvidas de que a linguagem publicitária em *marketing* “(...) é um fator determinante para o comportamento de um indivíduo porque desperta nestes desejos que o incentivam a comprar algo que lhe possa oferecer um determinado bem-estar social e pessoal” (ARRUDA, 2013, p. 36). Isso comprova que não nos distanciamos muito da nossa personalidade com o nosso consumo (ARRUDA, 2013). Perante esta situação, não conseguimos fazer juízo de valor sobre os produtos que se encontram publicitados. Os nossos impulsos emotivos associados às nossas memórias e experiências de vida passadas influenciam bastante as nossas escolhas (TEIXEIRA, 2016). Isto porque “a publicidade faz desaparecer a razão argumentativa para dar lugar à emoção, a qual opera a favor do produto e se sobrepõe a qualquer tipo de crítica lógica em relação a este último” (ARRUDA, 2013, p. 39). Hoje em dia, segundo Teixeira (2016, p. 55):

(...) os valores de comunidade permitem que os provérbios manifestem a sua utilidade no discurso argumentativo (discurso político, religioso), e os valores ligados à experiência que é suposto eles sistematizarem são, em muitos casos, aproveitados por instituições como bancos, seguradoras, ou produtos como os automóveis onde os publicitários querem eleger valores associados a “segurança”.

Atualmente, muitos serviços e personalidades públicas fazem o uso dos provérbios para fins publicitários, enquanto uma das estratégias de *marketing*, dando-os valores muito significativos na comunicação publicitária, devido ao seu valor tradicionalmente inquestionável. Precisamente é deste seu uso frequente na comunicação ligada à nossa vida diária que fazem deles um assunto relevante no processo de relacionamento interpessoal, neste caso, a comunicação e o ensino de língua não materna (LNM). Este último faz a questão merecer uma grande atenção para promover as dinâmicas interculturais na sala de aula de língua.

Referimos aqui o uso de provérbios na comunicação publicitária em *marketing* justamente por causa da própria importância que esses textos publicitários têm para impactar a vida das pessoas enquanto consumidores dos tais produtos. Por isso, levar para sala de aula de LNM os textos publicitários ou discursos políticos é tornar uma aula de língua mais ativa e participativa pelos próprios aprendentes, pois são recursos didáticos que acabam mexendo com o próprio emocional dos aprendentes, obrigando-os a ficarem mais motivados e a envolverem-se em debates infundáveis, desenvolvendo assim as competências comunicativas, quer na compreensão e produção oral e escrita, quer no desenvolvimento intercultural.

3. Transcrição dos provérbios

Neste ponto, decidimos fazer a transcrição de um conjunto de provérbios ligados à palavra *terra*, resultantes de uma recolha do dicionário *Vocabulario Portuguez & Latino*, do século XVIII (1712), do D. Raphael Bluteau, oferecido ao rei de Portugal, D. João V. No referido dicionário, encontrámos um conjunto de dezasseis provérbios relativamente à temática *terra*. Estes provérbios permitem evidenciar o horizonte temporal e social do qual provieram, comprovando assim de que os próprios provérbios são formas de manifestações sociais para transmitir valores e conhecimentos desde antiguidade. Além do mais, a transcrição dos mesmos, adaptados às formas atuais, explica uma evolução, quer em termos linguísticos, quer em termos sociais, porém mantendo sempre a base do seu significado. Segue-se o referido quadro de transcrição na tabela n.º 1:

Tabela1 – Quadro de transcrições dos provérbios

Texto original	Transcrição original	Transcrição atualizada
<p><i>Adágios Portuguezes da Terra.</i> A terra, posto que fértil, se não descansa, faz-se estéril. A agora solobra, na terra secca, he doce. A terra lavrada em Agosto, à esterçada dá de rosto. A terra, que não cobre a si, mal cobrirá a mim. Os erros dos Medicos, a terra os cobre. Deita terra sobre terra, saberás o pão, q' leva. Quem em terra boa semeia, cada dia tem boa estreia. Deita esterco ao pão, que as terras to pagarão. Cunhados, & ferros d'arado, debayxo da terra prestão.</p>	<p>Adágios Portuguezes da Terra</p> <p>A terra, posto que fértil, se não descansa, faz-se estéril.</p> <p>A agora solobra, na terra secca he doce.</p> <p>A terra lavrada em Agosto, à esterçada dá de rosto.</p> <p>A terra, que não cobre a si, mal cobrirá a mim.</p> <p>Os erros dos Medicos, a terra os cobre.</p> <p>Deita terra sobre terra, saberás o pão, q' leva.</p> <p>Quem em terra boa semeia, cada dia tem boa estreia.</p> <p>Deita esterco ao pão, que as terras to pagarão.</p> <p>Cunhados, & ferros d'arado, debayxo da terra prestão.</p>	<p>Adágios Portuguezes da Terra.</p> <ul style="list-style-type: none"> • A terra, posto que fértil, se não descansa, faz-se estéril. • A agora solobra, na terra secca, é doce. • A terra lavrada em agosto, à esterçada dá de rosto. • A terra, que não cobre a si, mal cobrirá a mim. • Os erros dos médicos, a terra cobre. • Deita terra sobre a terra, saberás o pão, que leva. • Quem em terra boa semeia, cada dia tem boa estreia. • Deita esterco ao pão, que as terras to pagarão. • Cunhados & ferros d'arado, debaixo da terra prestam.

<p>Toda a terra he húa, & a gente quasi quasi. Em terra de senhorio, não faças teu ninho Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Cada terra com seu costume, ou, Em cada terra seu uso. O boy bravo, mudando a terra, he mudado. O boy bravo, na terra alheya se faz manfo. Vê o mar, & fê na terra. Com má gente he remedio, muita terra em meyo. (Bluteau, 1712).</p>	<p>Toda a terra he húa, & a gente quasi quasi. Em terra de senhorio, não faças teu ninho. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Cada terra com seu costume, ou Em cada terra seu uso. O boy bravo, mudando a terra, he mudado. O boy bravo, na terra alheya se faz manfo. Vê o mar, & fê na terra. Com má gente he remedio, muita terra em meyo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Toda a terra é uma, & a gente quase, quase. • Em terra de senhorio, não faças teu ninho. • Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. • Cada terra com seu costume, ou, em cada terra seu uso. • O boy bravo, mudando a terra, é mudado. • O boy bravo, na terra alheya se faz manfo. • Vê o mar, & fê na terra. • Com má gente é remedio, muita terra em meyo.
--	--	--

Fonte: elaboração própria.

4. Interpretação de significado de alguns provérbios

- *A terra, posto que fértil, se não descansa, faz-se estéril.* / Por mais que tenha força, se não se repousar, acaba por não poder fazer nada.
- *A agora salobra, na terra seca, é doce.*
- *A terra lavrada em agosto, à esterçada dá de rosto.*
- *A terra, que não cobre a si, mal cobrirá a mim.* / Aquele que não pode ajudar a si, não pode ajudar a mim ou a ninguém.
- *Os erros dos médicos, a terra cobre.* / Erro de um médico, leva à morte.
- *Deita terra sobre a terra, saberás o pão, que leva.*
- *Quem em terra boa semeia, cada dia tem boa estreia.* / Aquele que souber investir bem, sempre vai colhendo frutos a cada dia.
- *Deita esterco ao pão, que as terras to pagarão.* / Faça o bem, receberá a graça dos outros, ou seja, quem o bem faz, o bem recebe.
- *Cunhados & ferros d'arado, debaixo da terra prestam.* /
- *Com má gente é remedio, muita terra em meio.*
- *Toda a terra é uma, & a gente quase, quase.* / Todas as pessoas são iguais pela natureza...
- *Em terra de senhorio, não faças teu ninho.* / Desconfie sempre onde lhe é estranho.

- *Nem tanto ao mar, nem tanto à terra.* / Nada está perdido, e nada está ganho, ou seja, não há nada de mal, também nada de bom.
- *Cada terra com seu costume, ou, em cada terra seu uso.* / Cada sociedade tem os seus hábitos e costumes próprios.
- *O boi bravo, mudando a terra, é mudado.* / Cada um molda o seu comportamento de acordo com o contexto situacional em que se encontra.
- *O boi bravo, na terra alheia se faz manso.* / Um indivíduo maluco se faz de manso, onde não lhe é conhecido.
- *Vê o mar, & fé na terra.* / Pode ver para as dificuldades, mas acredite que vai sempre vencê-las.

Além do mais, vale assinalar que alguns destes provérbios apresentam algumas formas mais atualizadas, entre as quais destacamos:

Cada terra com seu costume, ou, em cada terra seu uso. / *Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso* (forma atual). Como se pode ver, aqui, há uma adaptação deste provérbio, com vista a criar uma rima. Se o desconstruirmos, formaremos dois versos: *Cada terra com seu uso, / cada roca com seu fuso*. Algo que permite utilizá-lo em versos de alguns poemas, garantindo assim uma rima emparelhada.

O boi bravo, na terra alheia se faz manso. / *Boi bravo que chega a terra alheia faz-se de manso* (forma atual). Igualmente ao anterior, há uma adaptação, tendo aqui uma colocação mais clarificada através do acréscimo da expressão *que chega a* e a sua adaptação à variante atual do português de Portugal, colocação enclítica do pronome, desde que não haja atrator: *faz-se*, regida de uma preposição *de*. Um outro aspeto é a omissão do determinante, artigo definido, *O*, logo no início da frase, para manter a indefinição do boi bravo, permitindo assim uma generalização do uso deste provérbio.

Outrossim, gostaríamos de notar a questão de não interpretação do sentido de alguns provérbios. É que muitas vezes não conseguimos explicar uns provérbios por não os compreendermos, porque retratam um aspeto cultural de uma sociedade ou comunidade não igual a nossa, neste caso em concreto de um determinado povo. É o que aconteceu connosco aqui. Alguns até podem ser da nossa realidade cultural, porém nunca tínhamos tido um contacto com eles. Por isso, concordamos com Teixeira, (2016, p. 53) quando afirma que:

... a compreensão de muitos provérbios implica vários processos inferenciais muito semelhantes à adivinha, porque se tem de partir de uma constatação muitas vezes evidente para a perceção de algo que não só não é evidente como está, por vezes, bastante oculto e disfarçado.

Isso comprova mais uma vez que os provérbios não são mais que uma manifestação de conhecimento cultural conceptualizada a partir das metáforas conceptuais. Logo, a sua interpretação no processo comunicativo em língua requer que o alocutário conheça ou pertença a mesma comunidade em que o referido provérbio é usado, para melhor poder inferir a mensagem implícita codificada nele. Se isso não for o caso, terá o alocutário ou um aprendente de língua não materna que partir do processo de comparação intercultural, a fim de estabelecer o possível significado do provérbio em causa.

Com efeito, queremos evidenciar que na interpretação do sentido de um provérbio, parte-se do conhecimento prévio, de um domínio fonte para o domínio alvo. Assim,

(...) como o falante admite que os seus mecanismos cognitivos são idênticos aos dos outros falantes e que o “entendimento colectivo” espelha a soma dos “entendimentos individuais”, facilmente admite e aceita que socialmente se instituem modelos que proponham que uma determinada realidade deve ser identificada com (entendida como) outra (TEIXEIRA, 2007, p. 5).

Ainda que se tratasse de um conhecimento metafórico, isso requer que esse conhecimento seja apresentado numa perspectiva de que o interlocutor é da mesma comunidade, ou seja, compreende esse conhecimento cultural metaforizado que lhe é apresentado. De acordo com Couto e Embaló, (2010, p. 172): “Na situação de origem, quando foi proferido pela primeira vez, com certeza o provérbio teve um significado denotativo. Na situação de emprego, seu significado é sempre metafórico, não propriamente conotativo”. É um processo que decorre numa espécie de intercâmbio de conhecimento, no sentido de que só se alcança algo, se algo também se partilhar.

Pois, ao contrário desse pressuposto visto atrás, estar-se-ia a dificultar o intercâmbio cultural e comunicativo, a transmissão do conhecimento. Isso comprova mais uma vez de que o significado das palavras deve ser associado ao contexto, não como aparece descrito muitas vezes nos dicionários. Tal qual certifica Teixeira, (1996, p. 5) ao dizer que “o que acontece é que, normalmente, os dicionários não apresentam o significado das palavras. Apresentam (...) uma definição do referente que privilegia a descrição científica”. Assim como acontece, às vezes, na interpretação dos provérbios.

Outrora, tentamos fazer uma interpretação do provérbio a pé da letra, ou seja, de acordo com o significado do texto explícito (sentido literal), algo que acaba por distorcer o sentido do mesmo. O significado envolve todo o cérebro, todo o conhecimento, não é exclusivo da linguagem. Aliás, a própria linguagem está em todo o cérebro, embora haja áreas mais sensíveis. Seria um erro pensar que só as duas áreas de Broca (sons) e de Wernick (significado) que contêm a linguagem. O significado é corporizado, baseia-se na nossa experiência e, neste caso, é enciclopédico, está ligado ao conhecimento do mundo. Por isso, quando construímos protótipos, construímos os conceitos que organizamos dos significados e das perspectivas das coisas de modo social. Se não, vejamos:

Prescindindo de pormenores, uma conclusão parece comum quer a neurologistas quer a semanticistas: o significado de uma palavra é uma imagem mental disparada pelo cérebro e constituída por padrões armazenados a que, embora salvaguardadas algumas diferenças de concepção, não vejo inconveniente em continuar a chamar semas.

Se isto se passa assim, e se os dicionários pretendem retratar os sentidos que as palavras têm, parece lógico que devem, em primeiro lugar, tentar ir ao encontro da relação entre as palavras e as imagens mentais partilhadas pelos falantes de uma comunidade linguística. Quando alguém procura no dicionário o significado da palavra X, procura, em primeiro lugar, aquilo que a palavra X significa para a comunidade que a usa. Este significado de comunidade deve ser, por conseguinte, o primeiro, se bem que não o único, a ser fornecido (TEIXEIRA, 1996, p. 4).

Vê-se que quando construímos os protótipos, eles não devem ser dissociados do contexto, ou seja, devem ser de acordo com a realidade da comunidade em que vivemos, embora não seja exclusiva. Com isso, fica evidente que nada adianta em mandar um aprendente de língua não materna a consultar um dicionário para saber do sentido de um provérbio na comunicação em língua, pois é defendida aqui de que o significado linguístico não deve ser individual, porém uma construção social, algo que os lexicógrafos muitas vezes não levam em conta na concepção dos dicionários. Também,

É evidente que por principais traços se devem entender os traços semânticos que são partilhados pelo maior número de indivíduos de uma comunidade linguística e não os principais traços que constituem a imagem mental que apenas um falante possui da palavra (TEIXEIRA, 2006, p. 7).

Com isso, é valorizada aqui a dimensão social do significado do léxico como a prioridade. É nesta base que se deve interpretar a intenção comunicativa dos provérbios, atendendo o sentido que a comunidade os dá. Equitativamente, o mesmo que os lexicógrafos devem/deveriam ter em conta, quando descrevem os significados dos léxicos, tanto quanto na interpretação dos provérbios. Assim, quando desconhecemos essa dimensão social de um determinado provérbio e não havendo um conhecimento semelhante aos da nossa comunidade, não dispomos de elementos básicos para o interpretar ou inferir o seu significado.

Portanto, é pouco provável que haja quem não aceite que “parte-se de uma base tida como plataforma de entendimento comum (B) e atribui-se esse conhecimento a uma realidade-alvo que pretende categorizar (A)” (TEIXEIRA, 2007, p. 3). A plataforma de entendimento comum (B) a que se refere é um conhecimento cultural já existente, numa determinada comunidade. E, enquanto membro da mesma, deve previamente já ter sabido desse conhecimento, sendo domínio fonte, para que, no entanto, possa interpretar o novo conhecimento, domínio alvo, associado ao provérbio.

Como se pode constatar que a interpretação do sentido de um provérbio não é algo tão simplista assim. E, isso nos obriga a recorrer a várias fontes para poder interpretá-lo, uma vez que

muitos dos provérbios podem não fazer parte dos conhecimentos passados na nossa comunidade. Para tal, podemos recorrer a internet pesquisando em diferentes plataformas que oferecem este tipo de saber, nomeadamente Google, etc. ou discutir com alguns conhecidos dessa comunidade para poder chegar a algumas interpretações.

5. Provérbios e metáforas

Os provérbios são as manifestações de conhecimentos mais profundos na tradição da retórica. Isso porque os conhecimentos neles passados são em boa parte metafóricos, logo, implícitos. Funcionam como uma metáfora de outra realidade. E, como é sabido, a “metáfora costuma ser encarrada como a ponta de um aicebergue que revela profundezas intermináveis. É uma máscara que esconde a verdadeira realidade, realidade da qual segundo certas interpretações, nem o próprio autor tem ou teve plena consciência” (TEIXEIRA, 2007, p. 1). Isso patenteia que os provérbios apresentam um sentido profundo da realidade, e, por isso, eram ou são encarrados também como se as verdades neles ditas fossem inquestionáveis. Esta visão metaforizada dos provérbios também é defendida por muitos autores, entre os quais apresentamos a de Teixeira (2016, p. 53):

(...) os provérbios também se verbalizam frequentemente em expressões metafóricas, porque com grande frequência o provérbio refere uma situação verificável no quotidiano e de percepção evidente e que é apresentada como fornecedora de previsibilidade para outras ocasiões. Ao dizer-se Filho de peixe sabe nadar não é intenção transmitir uma informação óbvia que toda a gente conhece sobre a capacidade de os peixes nadarem. Se todos sabem isso, a sua referência, viola o princípio fundamental da relevância em comunicação. Ora os falantes partem do pressuposto que a informação deve ter relevância e por isso procuram perceber o que é que aquela informação irrelevante (“os filhos dos peixes sabem nadar”) pretende significar. Por isso mesmo, intuem a necessidade de acionarem um outro valor significativo que o dito tem de transportar para aquele contexto.

Pois, para além de defender esta realidade metafórica presente em alguns provérbios, denota também que há uma relação entre o conhecimento conotativo e denotativo do dia a dia, utilizado pelos membros da mesma comunidade em que o provérbio é verbalizado. Estamos assim a falar de uma relação de significado do provérbio com outros conhecimentos do mundo. O exemplo apresentado por Teixeira (2016) revela a possibilidade de se interpretar o provérbio não só a pé da letra (sentido literal), mas sim a partir de uma inferência (sentido figurado). E, isso reforça de tal maneira a ideia de os provérbios incorporarem as metáforas.

Com isso, há uma menor dúvida de que os provérbios incorporam as metáforas, ou seja, metaforizam as realidades que representam. Isto porque “no fundo o que a metáfora faz é {X} poderia pertencer à categoria {Y}: *os teus olhos são dois rios*. Isso só é possível porque a

categorização linguística se processa cognitivamente por modelos prototípicos e não pelas Condições Necessárias e Suficientes (CNS)” (TEIXEIRA, 2007, p. 3). O mesmo se observa com relação a este provérbio e aos demais: *Com má gente é remédio, muita terra em meio*. Neste caso, a categoria {X} (*má gente*) também poderia pertencer ou pertence a categoria {Y} (remédio). Isso é possível, se abdicarmos da ideia da teoria das CNS, que obrigasse que as duas categorias tivessem os mesmos traços comuns para assegurar essa pertença.

Além do mais, vale salientar que é possível encontrar também outros provérbios que não incorporassem as metáforas de outras realidades. Entretanto, funcionam como uma instrução de comportamentos, como se destaca a seguir: *Deita terra sobre a terra, saberás o pão, que leva / Deita esterco ao pão, que as terras to pagarão / Em terra de senhorio, não faças teu ninho / Vê o mar, & fé na terra* (BLUTEAU, 1712). Esta realidade de que alguns provérbios têm uma função diretiva é também defendida por Teixeira, (2007, p. 6):

Nem todos os provérbios funcionam apenas como percepções colectivas metaforizadoras de outras realidades a serem percepcionadas. Uma grande parte são instruções comportamentais directas: *Não sirvas a quem serviu, nem peças a quem pediu. / Não guardes para amanhã o que podes fazer hoje*.

Se até aqui pairava ainda alguma dúvida em relação aos provérbios com funções diretivas diretas, os exemplos expostos foram inequívocos em esclarecê-las.

6. Provérbios e culturas

Os provérbios indicam uma determinada cultura de uma determinada época. Antes de avançarmos, gostaríamos de apresentar um conceito de cultura, de acordo com o antropólogo americano, Marvin Harris (s.d., apud MOREIRA, 2013, p. 9): “afirma que a cultura é um conjunto de tradições, estilos de vida e modos de pensar, sentir e atuar aprendidos ou adquiridos socialmente. Segundo ele, os padrões culturais que caracterizam uma sociedade aprendem-se graças à convivência em determinado grupo”.

O conceito ora apresentado confirma exatamente que a cultura é todo um resultado de ação humana dentro de uma sociedade, num determinado período de tempo. Tal qual defende Siga (2021, p. 30) que “a cultura é tudo, menos aquilo que não nos conduz à civilização, ou seja, menos aquilo que mina o nosso relacionamento enquanto humanos”. Ainda “em termos simplistas, pode definir-se a cultura por oposição à natureza, ou seja, pode considerar-se que tudo o que implica intervenção ou transformação humana é cultura” (RAMON, 2017, p. 26). Pois, se olharmos pela importância que a cultura científica tem em toda a esfera da vida humana, e não só, mas em tudo que tem a ver com o ser vivo, no contexto moderno, teremos uma noção sobre o valor dos

provérbios enquanto uma das manifestações culturais para se desenvolver a sociedade. Principalmente sociedade em que a oratura serviu-se de meio de transmissão dos conhecimentos e de desenvolvimento social.

Por outro lado, olhando pela importância da oratura num determinado ponto histórico da vida humana, estaremos assim a falar dos provérbios enquanto porte cultural num determinado período da história da humanidade. Embora continuasse ainda a desempenhar esse seu papel anterior na atualidade, porém de uma forma literária (escrita). De acordo com Bul (1988, apud. CABRAL, 2019, p. 3): “o provérbio é velho como mundo e todos os povos o utilizaram. Na antiguidade egípcia, chamava-se *Sebayt* – ensino (...). Os hebreus diziam que o provérbio era palavra de um sábio”. Como se pode confirmar, o provérbio sempre serviu a humanidade inteira para se poder relacionar. Assim, subjaz a ideia da sua particularidade em função da comunidade que o usa, sendo que os povos viviam sempre em pequenos e grandes grupos. Olhando pela observação do Niane (1982, apud. CABRAL, 2019, p. 3): “por mesma razão que os Mandinga achavam (acham) ‘que a sabedoria dos homens está contida nos provérbios’. Por isso, acreditam que quanto mais as crianças os manipulam mais elas mostram de que têm aproveitado a sabedoria dos adultos”. Esta convicção do povo mandinga é extensiva a povo balanta, ou seja aos outros povos africanos. Por isso, as sociedades africanas, em particular a guineense, os mais velhos juntavam os mais novos em torno de uma fogueira nas noites de luar para contar histórias moralizantes. E, desse contar, havia várias formas de o fazer, abordando assuntos também diversos. Essa prática ainda é patente nas zonas rurais da Guiné-Bissau, no seio de diferentes grupos e subgrupos étnicos.

Além do mais, é com essa sabedoria que os povos mandingas conseguiram governar nos séculos passados quase toda a África ocidental, através dos seus vastos impérios, nomeadamente o Império de Gana, depois o de Mali e finalmente o Império de Gabú. É claro que era necessário uma elevada sabedoria para poder governar todos esses vastos territórios que atualmente são constituído por um conjunto de 15 países, congregados numa organização chamada Comunidade dos Estados da África Ocidental – CEDA, com uma força militar conjunta para a manutenção da paz na sub-região, tendo um tribunal e um parlamento.

Outrossim, não há dúvidas de que cada comunidade tinha a sua particularidade cultural e histórica. Assim, “os provérbios guineenses são expressões culturais e históricas que indicam, até certo ponto, como é que essas sociedades pensavam o mundo ao logo do tempo” (CABRAL, 2019, p. 3). Isto é mais uma clarividência de que os provérbios indicam uma determinada cultura de uma determinada época. Assim, cada provérbio tinha uma função social e cultural nesse tempo. Se não, vejamos, então, uma divisão dos provérbios guineense e a sua função sociocultural proposta por Cabral, (2019, pp. 5-7):

1. Proteção familiar, clã ou grupo
 - a) *Boka fitchadu kata ientra moska*; (= em boca fechada não entram moscas)
 - b) *Ratu si ka fila ku si kumpañer, i ka ta tchoma gatu pa rapati elis*; (= se o rato não se entende com os companheiros, não chama o gato para intermédia).
2. Humanidade para outro
 - a) *Mesinho ku bu sibi kuma bu ka na pui na bu tchaga, ka bu pul na tchaga di utur*; (= curativo que não põe em sua ferida, não ponha na ferida do outro).
 - b) *Kin kuta labra kifri, el prumeru ku ta fidi*; (= quem lavra o chifre é o primeiro a se ferir).
3. Conselho para evitar as relações incompatíveis ou perigosas
 - a) *Kin ku tene kabelu na pe, i ka ta kamba fugu*; (= quem tem pelo nas pernas não atravessa o fogo).
 - b) *Garafa ka ta ientra na djugu di pedra*; (= garrafa não se mete em jogo de pedras).
4. Advertência de ter pressa ou ambição por excesso
 - a) *Kuri ku kosa juju ka ta ndianta*; (= correr e coçar o joelho não é compatível).
 - b) *Firminga ka ta janti, ma i ta ciga*; (= a formiga não anda depressa, mas ela chega).

Todos estes provérbios, como se pode constatar, reportam situações da vida humana no seu dia a dia. Independente de se servirem de um simbolismo relativo aos animais e objetos, contêm sentidos que um interlocutor atento é capaz de compreender em função da sua experiência de vida. Algo diferente talvez seria o simbolismo, a personificação ou a metaforização destes seres animados e inanimados que neles se encontram, sendo este simbolismo um elemento cultural, neste caso típico da cultura guineense que vinha de uma sociedade tradicionalmente rural. O termo tradicional rural ora referido remete-nos para a ideia do tempo.

7. As diferenças culturais entre provérbios

A primeira diferença cultural que se pode destacar logo é na terminologia da palavra: “Em crioulo só se usa o termo *ditu* (do português “dito”), ao passo que no Brasil o termo popular é ditado. Provérbio só é usado em um nível mais erudito” (COUTO; EMBALÓ, 2010, p. 161). Fala-se mais do termo provérbio na escola, porém em casa, ou seja, no uso da língua crioula o termo *ditu* é o mais vulgar. Embora hodiernamente o termo provérbio seja conhecido praticamente por uma boa parte da população devido ao *aportuguesamento* do crioulo (uso do léxico português no crioulo). Assim, importa destacar aqui algumas diferenças entre os dois termos. Em conformidade com Reboul (s. d., apud COUTO; EMBALÓ, 2010, p. 161):

(...) o provérbio difere do ditado mais ou menos como o slogan ideológico difere do slogan comercial. O ditado, fórmula profissional ou receita precisa, é para ser tomado ao pé da letra, [ao passo que] o provérbio... é mais ou menos metafórico, aplicável portanto a situações, não idênticas, mas semelhantes à que descreve; não é uma receita para agir, mas um preceito para pensar.

Pois, vale salientar que, no caso guineense, é possível observar todas as duas características, ditos com metáforas e ditos sem metáforas. Ditos a que também se chama de provérbios. De acordo com Teresa Montenegro (1994, apud COUTO; EMBALÓ, 2010, p. 161-162): “enunciados do tipo ‘a vergonha é pior do que a morte’ (burguñu ma morti) ou ‘a verdade é como a malagueta: arde’ (bardadi i suma malgeta: i ta iardi) dizem exatamente isso e mais nada. Neles próprios está tudo dito (...).” Também isso acontece com alguns provérbios portugueses e brasileiros.

Sendo a Guiné-Bissau um país multiétnico, óbvio que não se podia esperar uma uniformização em termos de interpretação dos seus provérbios. Embora fossem apresentados em crioulo, a língua materna da maioria da população, língua tida como instrumento de unidade nacional para o entendimento comunicativo entre os seus cerca de 30 grupos e subgrupos étnicos. De certa forma, alguns desses provérbios eram o resultado de convivência das diferentes comunidades, sendo consequentemente dos grupos étnicos que ali residiam, uma vez que o território era povoado em função disso. Interpretar um provérbio guineense requer do alocutário um conhecimento da realidade cultural guineense, particularmente, da comunidade em que o mesmo é proveniente. Contudo, existem também alguns provérbios praticamente universais, uma vez que podemos, em parte, até admitir que a cultura humana também a é:

(...) os provérbios são tidos como representativos da sabedoria popular sob forma condensada. E como as condições de vida do homem sobre a terra são muito semelhantes por toda parte, frequentemente há muita equivalência entre os provérbios de diversos povos sem que tenha havido transmissão de uma cultura a outra (COUTO; EMBALÓ, 2010, pp. 173-174).

Um exemplo deste caso é o do provérbio que se segue: *Em terra de senhorio, não faças teu ninho. / Na terra di djinti, kabu kumpu kasa*. Este provérbio português identifica-se com este outro provérbio guineense em crioulo, literalmente e significativamente.

O mais recorrente nos provérbios guineenses é sempre o uso de outros elementos de natureza para se expor uma certa realidade. Este facto é uma das características mais salientes dos provérbios guineenses, como nos disse Cabral (2019, p. 2) que “o que me chama mais atenção nos provérbios guineense é a forma que são compostas, utilizando animais de jeito inteligente para exprimir a experiência humana. A literatura oral tradicional guineense é cheia deste aspecto”. Isto realça uma certa particularidade da literatura oral guineense com as demais literaturas orais, os provérbios.

Assim, decidimos dividir os provérbios guineenses em três grupos, a saber: os que se auxiliam dos animais, os que referem às plantas e os que mencionam os objetos, ambos para exprimirem certa realidade ligada à vida cultural de cada comunidade alvo.

a) *Os de simbolismo de animais*

Galiña kargad u ka sibi si kamiñu i lunju (galinha carregada não sabe se o caminho é longo).

Bakia baka di kunankoi: sin liti, sin nata (pastorear vaca de “kunankoi” pássaro: sem leite, sem nata).

Kabra ten korda tok i na rastal; baka mistil, ma i ka ta oja (a cabra tem corda e até a arrasta; a vaca a quer mas não a tem) (COUTO; EMBALÓ, 2010, pp. 163 – 165).

b) *Os de simbolismo de plantas*

ˆKana seku i ka ta dobradu (cana seca não dobra).

Garandis fala kuma manganas si ka hululidu i ka ta padi (os anciãos dizem que o manganás não dá fruto se não for chamuscado) (COUTO; EMBALÓ, 2010, p. 164).

c) *Os de simbolismo de objetos*

Panela fala kaleron: ka bu tisnan! (a panela disse à caldeira: não me chamusque!).

Faka di atorna ka ta moku, i ta moladu (a faca da vingança não fica rombuda, amola-se).

Garafa ka ta ientra na jugu d pedra (garrafa não se mete em briga de pedras) (COUTO; EMBALÓ, 2010, p. 164).

Estes provérbios confirmam o simbolismo que incorporam os provérbios guineenses. No entanto, é possível encontrar outros provérbios que não carregam este simbolismo, porém a tendência é duma ligação simbólica, evidenciando-se assim as particularidades culturais da comunidade guineense pelos provérbios.

8. Provérbios e o ensino de língua não materna

A língua é uma visão do mundo, com ela conseguimos enxergar a nossa potencialidade humana. Pois, Siga (2021c, p. 1) defende que ela “é uma das principais, senão a principal, faculdade que impede o Homem de se manter no estado animalesco ou assemelhar-se aos animais. Além disso, é uma componente cultural fundamental para a afirmação social, política e económica de qualquer estado/nação moderno/a”. Ela é uma das maiores essências humana, por isso há uma forte necessidade de todos os seres humanos se preocuparem em saber usar mais de uma língua, isto quer no contexto informal, quer no formal. Numa aula de português como Língua Estrangeira (LE) ou Língua Segunda (L2), requer-se a coexistência de diversas modalidades comunicativas: compreensão e produção oral e escrita respetivamente, e não só, mas também outras dimensões – gestos, textos com processamento de imagens, entre outras.

Assim sendo, gostaríamos de apresentar os conceitos dos dois termos atrás referidos. A “*língua estrangeira* - LE língua do outro, língua aprendida depois da língua materna. Geralmente, a língua estrangeira constitui-se à partida como objeto de aprendizagem em contexto escolar, formal

ou informal” (TAVARES, 2007, p. 27). Por seu turno, “o conceito de *língua segunda* resulta do contexto linguístico, cultural e político que as sociedades atravessam. Em alguns países, a língua oficial pode não ser a língua materna dos cidadãos. A *língua segunda* é a língua de escolarização” (TAVARES, 2007, p. 27). Estes estatutos distintos de língua determinam bastante o ensino de línguas, bem como a perspectiva do ensino dos provérbios. Além disso,

Até hoje, as descrições da maioria das gramáticas de língua portuguesa não têm levado em conta a integração de todas as componentes que estejam envolvidas no próprio funcionamento da língua em situação de comunicação. Fato que faz com que um aprendiz do português como língua não materna não seja capaz de alcançar a competência comunicativa, mesmo tendo uma gramática em casa, uma vez que essas gramáticas tradicionais não descrevem as regras segundo as quais a comunicação ocorre e muito menos as modalidades dos discursos de acordo com os contextos comunicacionais que atendam à realidade sociocultural da diversidade que enriquece a língua portuguesa (SIGA, 2021b, p. 183).

Em face disso, é possível acionar o uso “do provérbio sem ter de o verbalizar todo, mas apenas evocando um fragmento que o traga à memória” (TEIXEIRA, 2016, p. 56). Isso permite que o usemos para poder evocar a memória do alocutário ou aprendente de uma língua sobre aspetos culturais e comunicativos do seu consumo diário. Além do mais, o uso do provérbio na aula de língua permite ver a experiência do aprendente em relação ao seu mundo identitário, uma vez que a língua tem esse binómio língua e culturas, sendo essa evocação muito patente nas comunicações publicitárias pela utilização da linguagem mista, associada palavras com imagens, ou seja, o provérbio com a imagem simbólica a que se refere literalmente.

Também essa imagem associada ao provérbio tem várias funções educativas, conforme Tavares (2007, p. 49): “E pode, então, falar-se de uma diversidade de funções da imagem: [...] função contextual – integram-se no texto e permitem situá-lo; [...] função cultural – visa-se a comparação das culturas ligadas às línguas”. Assim, podemos utilizar o provérbio para trabalhar a comunicação numa dimensão multimodal, quer a linguística, bem como a icónica, e isso promove uma forte interculturalidade na aula. Na parte linguística, trabalhar todas as classes gramaticais que podem sobressair num provérbio, contudo dependendo dos objetivos preconizados. Na parte icónica, as referidas imagens podem convocar os demais conhecimentos que o aprendente já tem adquirido ao longo do seu percurso de vida, facilitando-o a chegar mais rápido às possíveis interpretações do provérbio, tornando-o assim um elemento ativo na aula, partindo do domínio fonte para o domínio alvo, pois as dimensões a trabalhar são inúmeras.

Os provérbios podem ser introduzidos desde os primeiros níveis, o básico, dependendo da sua simplicidade e vulgaridade universal. Porém, devido à complexidade de interpretação que contêm, melhor seria utilizá-los a partir do nível B1 ou B2. Isto porque nestes níveis os aprendentes desenvolvem já uma certa habilidade comunicativa que os permitem comunicar e interpretar as

informações. No nível B1, o aprendente “é capaz de lidar com a maioria das situações encontradas na região onde se fala a língua-alvo. É capaz de produzir um discurso simples e coerente sobre assuntos que lhe são familiares ou de interesse pessoal” (CONSELHO DA EUROPA, 2001, p. 49). E no nível B2 “é capaz de compreender as ideias principais em textos complexos sobre assuntos concretos e abstratos, incluindo discussões técnicas na sua área de especialidade” (CONSELHO DA EUROPA, 2001, p. 49). Neste caso, assuntos ligados à cultura não estão de lado, caso em concreto, os provérbios, que podem servir de recurso didático para promover um ensino intercultural.

Se admitirmos que o ensino deva ser centrado no próprio aprendente, como defendem as abordagens atuais do ensino, veremos que vários aspetos deveriam entrar para o ensino do português LE/L2, sendo os provérbios a ocupar um lugar cimeiro. Pois, em conformidade com a posição defendida por Tavares (2008, p. 20) ao dizer que:

A abordagem comunicativa abarca o fenómeno linguístico em toda a sua complexidade representativa e comunicativa, retomando, com consequências fundamentais para o processo de ensino/aprendizagem, numa nova noção que começa entretanto a surgir e a ser progressivamente definida [...] pretende-se preparar os aprendentes para situações reais de comunicação [...] Este é um método que parte do princípio de um ensino/aprendizagem centrado no aprendente, procurando responsabilizá-lo pela sua aprendizagem, motivando-o e tornando-o mais autónomo.

Vê-se aqui que é possível e necessário usar várias técnicas e recursos didáticos para o ensino de língua, sendo os provérbios um destes, dependendo dos objetivos que se pretende desenvolver nas aulas com os aprendentes. Podem ser excelentes recursos didáticos para desenvolver a compreensão e produção oral e escrita, a partir de um ensino de língua baseado na interculturalidade. Para isso, é necessário que o provérbio seja analisado a partir do quadro ou constando no próprio manual do aprendente da LE/L2 e/ou mandar o aprendente que o pesquise a partir da internet. A partir daí, prosseguir-se com a sua análise, envolvendo atividades de debates e produção escrita em grupos/pares. Assim, uma das possibilidades da sua análise pode ser a identificação das palavras ou expressões-chaves, de seguida, das mensagens implícitas, ou seja, as ideias metaforizadas nele. Pois, chega-se rapidamente ao seu significado.

Este processo de análise óbvio que pode não ser aplicável para com todos os provérbios, devendo contar com um conhecimento prévio da situação cultural da comunidade em que é usado, adicionado ao do aprendente sobre os provérbios.

Para melhor sumariarmos tudo o que atrás foi dito, decidimos apresentar um esquema que espelhe e facilite melhor o processo de ensino dos provérbios em língua não materna (LE/L2), como se pode ver na tabela n.º 2:

Tabela 2 – Quadro de esquema para o ensino de provérbios e a sua interpretação

PROVÉRBIOS	SENSO LITERAL	SENSO FIGURADO	TRAÇOS PRÓPRIOS	TIPO DE UNIDADE FRASEOLÓGICA
A terra, posto que fértil, se não descansa, faz-se estéril.	X	X	Enunciado fraseológico Iconicidade Valor moral	Provérbio
A agora salobra, na terra seca, é doce.	X	X	Idem	Provérbio
A terra lavrada em agosto, à esterçada dá de rosto.	X	X	Idem	Provérbio
A terra, que não cobre a si, mal cobrirá a mim.		X	Idem	Provérbio
Os erros dos médicos, a terra cobre.		X	Idem	Provérbio
Deita terra sobre a terra, saberás o pão, que leva.		X	Enunciado fraseológico Iconicidade Valor moral (conselho)	Provérbio
Quem em terra boa semeia, cada dia tem boa estreia.	X	X	Idem	Provérbio
Deita esterco ao pão, que as terras to pagarão.		X	Idem	Provérbio
Cunhados & ferros d'arado, debaixo da terra prestam.	X	X	Enunciado fraseológico Iconicidade Valor moral	Provérbio
Com má gente é remédio, muita terra em meio.		X	Idem	Provérbio
Toda a terra é uma, & a gente quase, quase.		X	Idem	Provérbio
Em terra de senhorio, não faças teu ninho.	X	X	Enunciado fraseológico Iconicidade Valor moral (conselho)	Provérbio
Nem tanto ao mar, nem tanto à terra.	X	X	Enunciado fraseológico Iconicidade Valor moral	Provérbio
Cada terra com seu costume, ou, em cada terra seu uso.	X	X	Enunciado fraseológico Iconicidade Valor moral (conselho)	Provérbio
O boi bravo, mudando a terra, é mudado.	X	X	Enunciado fraseológico Iconicidade Valor moral	Provérbio
O boi bravo, na terra alheia se faz manso.	X	X	Idem	Provérbio
Vê o mar, & fé na terra.	X	X	Enunciado	Provérbio

			fraseológico Iconicidade Valor moral (conselho)	
Filho de peixe sabe nadar.	X	X	Enunciado fraseológico Iconicidade Valor moral	Provérbio
<i>Boka fitchadu kata ientra moska;</i> (= em boca fechada não entram moscas)	X	X	Enunciado fraseológico Iconicidade Valor moral	Provérbio
<i>Ratu si ka fila ku si kumpañer, i ka ta tchoma gatu pa rapati elis;</i> (= se o rato não se entende com os companheiros, não chama o gato para intermédia).		X	Enunciado fraseológico Iconicidade Valor moral	Provérbio
<i>Mesinho ku bu sibi kuma bu ka na pui na bu tchaga, ka bu pul na tchaga di utur;</i> (= curativo que não põe em sua ferida, não ponha na ferida do outro).	X	X	Enunciado fraseológico Iconicidade Valor moral (conselho)	Provérbio
<i>Kin ku tene kabelu na pe, i ka ta kamba fugu;</i> (= quem tem pelo nas pernas não atravessa o fogo).	X	X	Idem	Provérbio
<i>Garafa ka ta ientra na djugu di pedra;</i> (= garrafa não se mete em jogo de pedras).		X	Enunciado fraseológico Iconicidade Valor moral	Provérbio
<i>Burguñu ma morti;</i> (= a vergonha é pior do que a morte).		X	Idem	Provérbio
<i>Bardadi i suma malgeta: i ta iardi;</i> (= a verdade é como a malagueta: arde).		X	Idem	Provérbio
<i>Galiña kargad u ka sibi si kamiñu i lunju;</i> (= galinha carregada não sabe se o caminho é longo).		X	Idem	Provérbio
<i>Bakia baka di kunankoi: sin liti, sin nata;</i> (= pastorear vaca de “kunankoi” pássaro: sem leite, sem nata).		X	Idem	Provérbio
<i>Kabra ten korda tok i na rastal; baka mistil, ma i ka ta oja;</i> (= a cabra tem corda e até a arrasta; a vaca a quer mas não a tem).		X	Idem	Provérbio
<i>Kana seku i ka ta dobradu;</i> (= cana seca não dobra).	X	X	Idem	Provérbio
<i>Garandis fala kuma manganas si ka hululidu i ka ta padi;</i> (= os anciãos dizem que o manganás não dá fruto se não for chamuscado).		X	Idem	Provérbio
<i>Panela fala kaleron: ka bu</i>		X	Idem	Provérbio

<i>tisnan!</i> (= a panela disse à caldeira: não me chamusque!).				
<i>Faka di atorna ka ta moku, i ta moladu;</i> (= a faca da vingança não fica rombuda, amola-se).	X	X	Enunciado fraseológico Iconicidade Valor moral	Provérbio

Fonte: Elaborado pelo autor

9 Considerações finais

Como qualquer outro trabalho de investigação rigorosa exige, deseja-se sempre encontrar as respostas conducentes à referida investigação. Assim sendo, a metodologia qualitativa que recorreremos, consultas de referências bibliográficas específicas e análise documental, permitiu-nos responder as questões logo no início levantadas sobre diferentes aspetos relacionados com os provérbios.

Por conseguinte, resta-nos dizer que os provérbios têm um lugar de destaque na comunicação, em todos os contextos da vida humana, principalmente na comunicação publicitária em *marketing*. Uma forma eficaz que os comerciantes de grandes ou pequenas empresas conseguem usar para persuadir os consumidores para se interagirem com os seus produtos é através de uso dos provérbios nas suas comunicações publicitárias. Isto porque os mesmos são tidos como portadores das verdades inquestionáveis, por isso, impactam muito a sociedade empresarial.

O seu significado não depende de um conjunto de traços ou condições necessárias e suficientes, mas sim, é possível fazer uma inferência do mesmo a partir de uma informação prévia, a que designamos de domínio fonte, associado ao domínio alvo. Os provérbios variam em função das comunidades, sendo o seu sentido facilmente interpretado por um dos membros dessa comunidade, entretanto, existem também os provérbios universais e que o conhecimento de vários provérbios da nossa comunidade pode ser vantajoso para podermos interpretar os referidos provérbios universais.

Além disso, muitos provérbios são portadores de sentidos metafóricos, ou seja, provérbios são metáforas, pelo que as suas interpretações requerem um conhecimento do significado que as comunidades de onde são provenientes os atribuem. Embora admitíssemos também que nem todos os provérbios contêm metáforas, sendo alguns mais com uma função diretiva, servindo-se apenas para darem as instruções aos alocutários.

Em suma, os provérbios indicam uma determinada cultura e num determinado período de tempo, sendo originariamente provenientes em sociedades tradicionais, literaturas orais. Com efeito, os provérbios (ditos) guineense são forma de oratura que contêm simbolismos ligados aos animais, objetos e plantas, embora haja uns que não contêm este simbolismo, sendo também universal.

Também ficou comprovada que é possível mostrar algumas semelhanças ou diferenças entre os provérbios e a cultura dos aprendentes com a língua alvo (LE/L2).

Os provérbios também são um dos melhores recursos didáticos que se pode utilizar no ensino de LE/L2 para desenvolver competências de compreensão e produção oral e escrita, assim como a interculturalidade entre os aprendentes de uma língua. A sua utilização pode ser desde os níveis básicos, mas a potencialidade da diversidade da sua didática é mais saliente a partir do nível elementar, definido pelo Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas – QEQR.

Referências

ARRUDA, Maria Rodrigues. **Aqui a natureza é a estrela: Mesclagem Conceptual e Redes de Espaços Mentais na campanha Hollywood da Hortifruti**. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares). Universidade Aberta de Portugal, Lisboa, 2013.

BLUTEAU, D. Raphael. **Vocabulário Portuguez & Latino**. Lisboa Occidental: Na Officina de Pascoal da Silva, Impressor de Sua Magestade, 1712.

BUÇO, Fátima; BADALO, Carla Alexandra. **Dicionário de Provérbios Portugueses**. Porto Editora. 2014. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/211405411/DICIONARIO-DE-PROVERBIOS-PORTUGUESES-Porto-Editora>. Acesso em: 10 de novembro de 2020.

CABRAL, Heuler Costa. Expressão cultural nos provérbios tradicionais da Guiné-Bissau: sabedoria e lições da vida. **Revista África e Africanidades** – ano XII – n.º 30, 10p., 2019.

CONSELHO DE EUROPA. **Quadro europeu comum de referência para as línguas - Aprendizagem, ensino, avaliação**. Porto: Edições Asa, 2001.

COUTO, Hildo Honório do; EMBALÓ, Filomena. Literatura, Língua e Cultura na Guiné-Bissau, Um país da CPLP. **Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**, Brasília, N.º. 20. 256p., 2010.

MOREIRA, Alice Carla Oliveira. **A componente cultural na aula de E/LE**. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade do Porto. Porto, (2013).

PORTO EDITORA. Provérbio. **Dicionário infopédia da Língua Portuguesa** [em linha]. 2003-2020. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/terra>. Acesso em: 13 de maio de 2020.

PORTO EDITORA. Terra. **Dicionário infopédia da Língua Portuguesa** [em linha]. 2003-2020. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/terra>. Acesso em: 1 de maio de 2020.

RAMON, Micael. O binómio língua-cultura no processo de ensino-aprendizagem de português língua estrangeira. In: GONÇALVES, Luís. **Português como Língua Estrangeira, de Herança e Materna**. Abordagens, contextos e práticas. Boavista: Boavista Press, 2017, p. 23-32. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/53923>. Acesso em: 05 de novembro de 2020.

SIGA, Júlio Mário. Línguas guineenses peticionam pelo reconhecimento na constituição da república. **Jornal O Democrata**. 2021. Disponível em: <https://www.odemocratagb.com/?p=33967&cat=6>. Acesso em: 22 de novembro de 2021.

SIGA, Júlio Mário. O lugar da cultura na didática de Português Língua Não Materna. *In: SÍLVIA, Carmen Lima Silva e (Orga.). Linhas para expansão e afirmação de língua portuguesa como LE/L2*. Fortaleza: Além-Mar, 2021, p. 27-50.

SIGA, Júlio Mário. Gramática comunicativa: função comunicativa - cumprimenta. **Revista Linguagem**, São Carlos, v.39, número temático PLE, p. 181-194, 2021.

TAVARES, Ana. **Ensino/Aprendizagem do Português como Língua Estrangeira**. Lisboa: Lidel – Edições Técnicas, Lda., 2008.

TAVARES, Clara Ferrão. **Didática do Português - Língua Materna e Não Materna - No Ensino Básico**. Porto: Porto Editora, 2007.

TEIXEIRA, José. A força dos valores implícitos dos provérbios na comunicação publicitária. *In: SOARES, Rui JB; LAUHAKANGAS, Outi. 9º Colóquio Internacional sobre Provérbios-Atas*. Tavira: Associação Internacional de Paramiologia, p. 50-60, 2016.

TEIXEIRA, José. A reciclagem do significado de comunidade: processos de reinterpretação no texto publicitário. **Diacrítica Série Ciências da Linguagem**. Braga, n.º 20/1, pp. 207-228, (ISSN 0807-8967), 2006.

TEIXEIRA, José. Branco é, galinha o põe: entradas lexicais e significado de comunidade. *In: Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, II vol.* Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, p.1-7, 1996.

TEIXEIRA, José. Mecanismos Metafóricos e Mecanismos Cognitivos: Provérbios e Publicidade. *In: Actas del VI Congreso de Lingüística General*. Madrid: Arco Libros (ISBN 978-84-7635-669-2), p. 1-12, 2007.